



Silvia Lopes Raimundo, Geógrafa

Doutora pela Universidade de São Paulo (USP)

2ª colocada no Concurso Público nº 254-5/2017 da Unifesp.

TEMA: Educação, Cultura e Cidade

Resultado homologado no dia 21/12/2017.

Pode se apresentar brevemente, contando sua trajetória acadêmica e profissional?

Sou geógrafa, formada pela Universidade de São Paulo, mestre e doutora em Geografia Humana pela mesma instituição. Em 1994, um ano antes de concluir a graduação, entrei pela primeira vez em uma sala de aula como professora do Ensino Médio e em 2003 como docente de graduação. Com quase 15 anos de experiência em formação de professores e bacharéis em geografia, lecionei na Universidade Cruzeiro do Sul, Universidade Santo Amaro e Centro Universitário Sant'Anna, instituições onde pude aprender mais sobre a cidade, posto que as alunas e os alunos eram de diferentes lugares, especialmente das periferias. A cada turma que conheço, preencho um pouco mais a cartografia de São Paulo cidade e metrópole. E apesar de ter trabalhado durante cinco anos em uma consultoria de planejamento, realizei-me como profissional mais intensamente na educação.

Como pesquisadora, comecei minha experiência estudando, durante o mestrado, a origem e os fundamentos do regionalismo paulista nas décadas de 1920 e 1930. Na época, minha motivação para a escolha desse tema veio do desejo de compreender melhor a história do pensamento geográfico no Brasil e sua contribuição para a criação de ideologias acerca do território, especialmente os regionalismos políticos. O período

de desenvolvimento da pesquisa de mestrado foi de grande aprofundamento nos estudos da história e das teorias geográficas, porém em diálogo constante com trabalhos desenvolvidos na história, na literatura e na sociologia. Já no doutorado, por conta de experiências com alguns coletivos culturais, acabei 'dobrando a esquina' e mudando de área de pesquisa. A organização dos coletivos, suas formas de articulação e os movimentos de resistência nas periferias tornaram-se preocupações centrais da minha pesquisa. Hoje, depois de caminhar junto com o Movimento Cultural das Periferias e acompanhar a luta para a criação da Lei de Fomento à Cultura da Periferia, como pesquisadora me dedico aos temas ligados aos movimentos sociais, à produção do espaço e à formação do território urbano nas periferias de São Paulo.

Como você se interessou em ser professora no Campus Zona Leste da Unifesp e o que vê de potencial no Projeto Político Pedagógico do Instituto das Cidades?

O campus Zona Leste Unifesp também é resultado de uma demanda histórica dos movimentos sociais da região. Como moradora da Zona Leste e docente de universidades privadas, acompanhei a luta dos movimentos sociais e o interesse da Unifesp para a criação do Instituto das Cidades com enorme expectativa. Nesse momento histórico, marcado por tantos retrocessos, a chegada da Unifesp na Zona Leste foi para mim uma das notícias mais alvissareiras dos últimos tempos, não somente porque seria uma oportunidade de trabalho, mas sobretudo pelo Projeto Político Pedagógico do Instituto das Cidades e a possibilidade de termos um centro de pesquisa e ensino aberto para o diálogo constante com a sociedade civil e os movimentos sociais a região.

Em linhas gerais, qual a proposta de ensino, pesquisa e extensão que você apresentou no concurso? No que ela poderá colaborar com o Instituto e com a Zona Leste?

Em linhas gerais, minha proposta de ensino, pesquisa e extensão parte do objetivo de compreender as formas de organização e as narrativas dos coletivos culturais e associações da região. Onde, com vistas à compreensão das narrativas contra hegemônicas e do papel da cultura na organização da sociedade, pretendo fazer um mapeamento dessas coletividades, buscando entender seus modos de pensar e construir redes e territorialidades [e possíveis relações com a própria produção do território urbano]. Enfim, ao longo do desenvolvimento da proposta, espero contribuir para a compreensão dos coletivos e do conjunto de categorias e conceitos que usam para interpretar e analisar o espaço geográfico e em conjunto com os projetos dos demais docentes, ajudar na criação de um canal de diálogo permanente com a sociedade civil, proporcionando condições para se apropriarem da Universidade como bem público.

Temos agora um enorme desafio de continuar a implantação desse Campus num contexto adverso à expansão da universidade pública. Como vê essa situação e como podemos fazer frente à ela?

Sem dúvida, vivemos um contexto político adverso à expansão da universidade pública, marcado pelos cortes de orçamento e desvalorização do trabalho do pesquisador e do docente. Tempo no qual até mesmo a manutenção de diversos direitos sociais, historicamente conquistados, está abalada. Porém, como postura frente ao futuro, creio como foi posto pelo Tiaraju que nesses momentos de crise podem aparecer diferentes movimentos de resistência. A história das periferias de São Paulo, marcada pelas lutas dos movimentos sociais por direito de acesso a equipamentos de uso coletivo, infraestrutura, moradia e espaços culturais demonstra isso. Hoje, apesar de vivenciarmos um momento bastante difícil, sabemos que há diferentes grupos mobilizados. Penso que os docentes da Unifesp Zona Leste podem, a partir do diálogo com esses grupos, construir coletivamente uma universidade aberta e popular, capaz de proporcionar debates e reflexão sobre o contexto e o território nas suas latências e potencialidades.